



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Nomes de ?yana e lugares entre os karib no Norte Amazônico

Autoria: Victor Alcantara e Silva (UNB - Universidade de Brasília)

Entre os Karib do norte amazônico a proliferação de nomes é notável. Protásio Friel, em 1957, registrou mais de 150 etnônimos nesta região, a maior parte indicações de outros grupos com os quais esteve. Alguns anos depois dessa compilação, poucos nomes restariam, associados a missões religiosas e a línguas selecionadas e grafadas por missionários para o ensino da Bíblia no sul do Suriname e Guiana e no norte do Pará. Se sob o bruto impacto da invasão de seus últimos refúgios e o período de confinamento (físico e existencial em terras e sob modos de vida alheios) os nomes (de gente e de lugares) diminuíram, é possível ver e acompanhar hoje sua proliferação à medida que pequenos grupos de pessoas reocupam capoeiras, agrupam parentes dispersos, buscam sinais de ?donos-animais? na mata. Neste ?retorno?, tais nomes se proliferam juntos, indicando a indissociabilidade das relações que os produzem. Proponho, neste texto, explorar essa indissociabilidade a partir de duas noções utilizadas por esses grupos para explicar a origem dos nomes de ?yana (os etnônimos) e de lugares, que escutei em aldeias Txikiyana e Kahyana nos rios Mapuera e Trombetas, para pensar na constituição desses coletivos múltiplos: ?jeito? e ?parceria/amizade?. A hipótese é que essas duas categorias são capazes de operar alianças pontuais que conformam conjuntos relacionais interaldeões e interespecíficos que nomeiam grupos e lugares. Esses conjuntos, ao mesmo tempo em que permanecem abertos a novas relações que produzem parentes e lugares, se desenvolvem sob certas



preferências uma vez firmados, o que conforma conjunturalmente no tempo os -yana entre si, o que chamaríamos de ?povo/grupo?, e lugares nomeados, ou o que seria o ?território/terra?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: